

Viver O Sonho É Viver Na Promessa

Lapa, 10 de Outubro de 2020

Resumo

Este sermão, pregado pelo Pr. Tiago Cavaco em 1 Reis 3:15, chama-se “O melhor sucesso chama-se sabedoria”. Os sonhos na Bíblia funcionam como um acesso a quem Deus é e, conseqüentemente, a toda a realidade. Salomão, depois de visitado por Deus, já não pode ser o mesmo e até o modo como adora muda. Uma pessoa com discernimento dedica-se a viver no lugar onde as maiores promessas de Deus foram feitas.

Texto Bíblico: 1 Reis 3:15

“Despertou Salomão; e eis que era sonho. Veio a Jerusalém, pôs-se perante a arca da Aliança do Senhor, ofereceu holocaustos, apresentou ofertas pacíficas e deu um banquete a todos os seus oficiais.”

O sermão de hoje chama-se “Viver o Sonho é Viver a Promessa”. Os sonhos na Bíblia funcionam como um acesso a quem Deus é e, conseqüentemente, a toda a realidade. Salomão, depois de visitado por Deus, já não pode ser o mesmo e até o modo como adora muda. Uma pessoa com discernimento dedica-se a viver no lugar onde as maiores promessas de Deus foram feitas.

Deus aparece a Salomão num sonho para que desejasse o que quisesse que ele faria questão de o atender. Todo este episódio, entre os versos 4 e 15, tem um efeito poético crescente, que o torna diferente do resto do capítulo. Esse lirismo que vai ficando mais intenso é visível, por exemplo, no encadeamento de frases como “porque não pediste/porque pediste/porque não pediste...” no verso 11, e nas frases “nenhum antes de ti/nenhum depois de ti” do verso 12. Estamos agora a chegar a um clímax no verso 15: Salomão acorda do sonho! A ênfase de todo este episódio fica no pedido de Salomão e na promessa de Deus. Pedido e

promessa. Ter Deus perto é poder albergar esta dupla de pedir o que queremos e recebermos uma promessa dele, e a consequência é acordar do sonho para o viver na realidade.

Os sonhos na Bíblia funcionam como um acesso a quem Deus é e, conseqüentemente, a quem nós somos e o que tudo o mundo é. Depois de um sonho, em que Deus fica perto, Salomão não pode continuar a ser o mesmo. Essa diferença vê-se em Salomão já nem ser capaz de louvar como louvou no passado. De Gibeão, Salomão passa para Jerusalém, como vemos no verso 15: “veio a Jerusalém, pôs-se perante a arca da Aliança do Senhor, ofereceu holocaustos, apresentou ofertas pacíficas e deu um banquete a todos os seus oficiais”. Jerusalém era o lugar onde estava a Arca da Aliança, que guardava as tábuas dos Dez Mandamento, dadas por Deus a Moisés no Monte Sinai—o mais fácil muitas vezes é lembrá-las do “Indiana Jones e os Salteadores da Arca Perdida”. O que é que significava Salomão preferir agora Jerusalém a Gibeão, o primeiro lugar dos sacrifícios feitos neste capítulo? Uma pessoa que sabe mais acerca de Deus, de si própria e de toda a existência—uma pessoa com discernimento!—adora, derrama quem é, onde Deus disse as maiores coisas, onde promessas foram feitas.

Até Deus não estar perto, não sabemos quem ele é, quem somos e o que é toda a existência. Este é o abc desta questão do discernimento que temos aprendido no estudo do terceiro capítulo do Primeiro Livro dos Reis. Quando discernimento nos é dado, isto porque ele não surge como uma conquista mas como um dom, aceitamos que, no fundo, toda a existência é acerca da adoração. Vivemos em função do que adoramos. Como ganhamos uma maior consciência de que vivemos para o que adoramos, acertamos o conteúdo do que adoramos e acertamos o modo como adoramos.

Uma das grandes ingenuidades do nosso tempo é esta presunção de podermos viver sem adorar algo, e a presunção de que, mesmo quando descobrimos a coisa certa para adorar, julgarmos que não podemos adorar a coisa certa da maneira errada. É um grande erro viver sem ter consciência de adorar a coisa certa mas também é um grande erro, quando supostamente se tem a consciência de adorar a coisa certa, fazê-lo de um modo errado. Também é isto

que nos torna cristãos evangélicos: sabermos que não podemos viver sem adorar, e sabermos que adorar do modo errado não é grande vida.

Como nos livramos de, tendo descoberto o Deus verdadeiro, não acabarmos, com a maior das boas vontades, a adorá-lo do modo errado? Tendo a nossa adoração ancorada nas promessas de Deus. Na Bíblia há uma correspondência total entre a palavra de Deus e as suas promessas. O que Deus faz, prometendo coisas, é o que Deus é, exprimindo-se em palavras. Não acreditamos ser possível conhecer Deus independentemente do modo como ele se revelou, na palavra escrita da Bíblia. A ideia de o meio como Deus se revelou ser indissociável de quem ele é, é o que sustenta a crença cristã de que Deus se fez homem em Jesus. Cristo é a mensagem de Deus sendo também o meio como ela nos chega. Cristo é o produto e o processo, the media and the message. Enquanto evangélicos somos obcecados pela Bíblia porque ter a Bíblia como central é a consequência de entendermos que tão importante como quem Deus é, é o modo como ele é, revelando-se homem em Cristo, a palavra feita pessoa. Livramo-nos do erro de adorarmos o Deus certo da forma errada sendo centrados na Bíblia.

Como devemos sair deste texto? Cultivando a nossa vida sendo pessoas que se derramam nas promessas de Deus. A única resposta possível é sermos mais acesos quando o assunto é a palavra de Deus. Isso não significa que fugimos de assumir a responsabilidade do fácil que é quebrar promessas. Mas vivemos de promessas porque, do mesmo modo como Salomão, após ganhar discernimento, se deu todo em adoração diante da Arca da Aliança, da Arca da Promessa, nos derramamos em adoração à Arca da Promessa feita pessoa na nossa vida, Jesus. Vivemos o sonho é vivermos na promessa.

Que Deus nos ajude!